

TERRA LIVRE

À Biblioteca Pública de
Braga

6
MAIO
1972

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMAOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

Liberdade Norte-Americana

A Norte-América tem, no seu porto de mar de Nova-Iorque a estátua da Liberdade, ofertada pela França, nos bons tempos. Tem-na e cumpre parte desse símbolo, dando liberdade ao povo, embora tivesse colocado a estátua de costas para o seu solo. A Liberdade está virada ao mar.

Mesmo assim, cultiva-se em grande a Liberdade, por várias vezes difundida através de noticiário, da filmologia, da oração, da homenagem, isto é: escrito e verbal. Todos nós sabemos que ali, na América do Norte, se tem a Liberdade como fundamento da sua capacidade moral, técnica, literária e informativa. Há um óbice, mas hemos de concordar que nem tudo neste mundo é perfeito. A liberdade étnica somente agora está a tomar foros de progredir e supomos ter-se dado através da paradoxal ideia contra o colonialismo dos

povos europeus.

Seja como for, duas notícias nos vieram alertar mais uma vez, com aquela surpresa de tudo que vem do lado de lá do Atlântico e do Pacífico. Uma delas diz respeito à Mafia, espécie de herdeira do «gangsterismo» americano do tempo de Dillinger e Al Capone—os dois imperadores do crime norte-americano. E perseguiram na sua senda de criminalidade, onde o primeiro foi morto em desfrontera pelo assassinato de um agente da «FBI» e o outro apenas condenada a meses de cadeia, ou anos — já nem lembra—por crime contra o Fisco e não, claro, pela série de crimes que perpetró e cometeu.

Pois hoje a Mafia não é mais que a sucessora desses perversos bandidos americanos dos anos 20. Mas mesmo assim, com a tal Liberdade fundamental norte-americana

esta organização confinua na sua rede de degradação. E a notícia diz respeito ao assassinato de um dos «comandantes» da organização dividida, não sabemos em quantos partidos, cada qual com «lieder» mais hediondo.

Depois, aparece-nos outra notícia com todas as características norte-americanas e que completa a infundável soma dos disparates a que estamos habituados a ouvir e até a ver, do lado de lá do mar. Numa cadeia de Nova-Iorque surgiu a exigência dos presos «constituídos em sindicato» (esta não lembra ao diabo) de serem actualizados os salários dos guardas da cadeia—portanto dos seus carcereiros.

Se não tora a seriedade da notícia, vinda de uma das mais conceituadas agências internacionais, custava-nos a crer em semelhante dispauteiro. Fez-nos lembrar, a propósito, certo livro antigo lido há anos, em que encontramos a afirmação da temível, inumana e terrível Bastilha, onde Maria Antonieta lançava os seus inimigos, por repugnante que parecesse, estar provida de aquecimento para os detidos... E esta não a vemos, vinda da América, mas sim da Europa.

De qualquer modo pode-se-nos afigurar que cadeia americana, onde os presos reclamam aumento de salário para os carcereiros, deve ser com certeza, uma cadeia-modelo jamais encontrada noutra parte do mundo.

Militão Porto

Inscrições na Cooperativa Agrícola de Amares

Avisam-se os srs. proprietários que desejam entregar as suas propriedades à exploração da Cooperativa Agrícola de Amares que devem fazer a sua inscrição nos primeiros dias desta semana.

A demora torna improvável a sua aceitação.

«Continua na 4.ª página»

A inaugurar nas próximas festas de Santo António no Largo Dr. Oliveira Salazar (Feira-Nova) as modelares instalações do restaurante Milho Rei, com café e snak bar

Do lado poente do vasto largo da Feira-Nova está a construir-se um edifício em terreno previamente adquirido para o efeito pelo Senhor Paulo B. de Macedo, conceituado industrial e proprietário neste concelho.

De linhas modernas, o prédio vai compor-se de três pisos destinados a habitação e comércio, com cave para adega e sala de jogos. Um grupo de jovens, no pleno vigor da vida e a quem um acendrado amor à sua Terra — e porque não dizê-lo — ao seu concelho — resolveu — e muito bem — reunir-se em sociedade para, precisamente no 1.º piso e cave, instalar o que vai ser modelar restaurante, com snak bar e café, de seu baptismo MILHO REI. Precisava dele a Feira Nova e o concelho de Amares. Na verdade, afastada de nós a intenção de minimizar quemquer que seja, o concelho não dispõe presentemente de estabelecimento do género para que pudesse receber condignamente a quem o pretenda visitar. Sabemos que as termas de Caldeas estão ao pé e dotadas de bons hotéis e pensões. Mas não igno-

ramos também que esses estabelecimentos reabrem em Junho de todos os anos para encerrarem logo a seguir em Outubro. Ora, os atractivos naturais do nosso concelho, com a sua qualificada produção de vinhos e fruta e saborosas carnes de talho de gado bovino, suíno, porcino e caprino, arrastam como que por magia da cidade de Braga e, até, da do Porto, inúmeras pessoas que, em seus automóveis, se deslocam com a família e amigos procurando, nestas paragens, o bem merecido lenitivo de tantos dias de fadiga na labuta pela subsistência. É digna, pois, de todo o nosso

(Continua na 4.ª página)

5.ª COLUNA

Tudo fala no trânsito. Duas coisas estão na ordem do dia, que parecem fenómenos. O trânsito e a poluição. Pois é, Leitor. E afinal o fenómeno é normal, na era dos fenómenos.

Aparentemente nada tem concerto... O trânsito é algo de extraordinário, algo de irresolução, algo de incapacidade que é impossível de jugular. Será? Por um lado é verdadeira a afirmação de que é impossível retrair o avanço do Motor; por outro lado eu entendo — eu que sou um super-homem (como dirá o Leitor) — com toda a minha humildade ser, embora difícil, possível travar a invectiva de semelhante fenómeno. Se, não, vejamos.

Em primeiro lugar detenhamo-nos na estatística. Em três meses de 1970 — Julho, Agosto e Setembro — mais de dezoito mil pessoas ficaram legalmente habilitadas a conduzir veículos-motor. Multiplicando três meses por quatro é fácil verificar a onda avassaladora dos «encartados». Exemplifiquemos: 18.000 x 4 = 72.000

(Continua na 4.ª página)

O nosso ilustre colaborador de a 5.ª Coluna obrigou-nos a voltar à carga e não tivemos outro remédio

Não era nossa intenção nem desejo voltar a falar nas colunas do nosso semanário no assunto — Cantina de Vilarinho das Furnas — mas não tivemos outro remédio em face do artigo «5.ª COLUNA» publicado na passada semana.

O ilustre articulista pretendia saber se na verdade tudo estava SANADO como o haviam informado os seus amigos e, se estava, viesse a informação, caso contrário surgisse nova pancada, pois quem tivera a coragem de a dar por duas vezes não deveria exitar em dar a 3.ª. Que não havia duas sem três.

E dizemos que não era nossa intenção por dois mo-

tivos: O primeiro porque chegamos à triste conclusão que seria prègar no deserto e o segundo e muito importante porque chegara à nossa redacção uma nota pouco agradável criticando àsperamente a nossa intromissão no assunto. Não queremos duvidar das pessoas que, de boa fé, administram a Organização, mas estranhámos, sinceramente, que a sua reacção pouco leviana, se tenha processado sem uma análise rigorosa, e sabemos que a não houve, à actividade da Cantina então referida. (Já tivemos oportunidade de almoçar em Massarelos e vimos que tudo é bem dife-

«Continua na 4.ª página»

PAISAGEM DO MINHO

Além o sol desceu por traz dos montes
tal qual a hóstia dum imenso altar;
na quebrada, os casais a fumar,
vão 'sfumando a côr dos horizontes...

Nas pedras parte-se o cristal das fontes
enquanto passam, direcção ao lar,
de camponesas ranchos a cantar,
bustos erguidos, túmidas as fontes.

Na torre da Matriz, as badaladas
do *Angelus*, caem sôltas, espaçadas
cortando tristemente o azul do ar...

Então os homens tiram o chapéu,
as raparigas olham para o céu
e, recolhidas, param de cantar.

EM BRAGA

PREFIRA

RESTAURANTE AVENIDA

DE

Eugénia Ferreira de Oliveira Machado

e

Manuel Gomes Machado

Almoços, Jantares, Serviço de Casamento

e à Lista

Avenida Central, 131—Telefone 24357 — Braga

NOTÍCIA

O tema proposto este ano para o Dia Mundial das Comunicações Sociais é «Os Meios de Comunicação Social ao Serviço da Verdade.» É por assim dizer a continuação e desenvolvimento do tema de 1971. Então, os instrumentos de comunicação social foram considerados como meios postos ao serviço da unidade dos homens; este ano, vê-se neles um dos principais caminhos que podem conduzir eficazmente os homens àquela unidade: pela busca e apresentação da verdade.

Uma Comissão preparatória, nomeada pelo Patriarca de Lisboa, na qualidade de Presidente da Conferência Episcopal para os Meios de Comunicação Social, pensa este ano alargar a celebração a uma «Semana». Assim, haverá o Dia da Imprensa (8 de Maio), o dia do Cinema (10 de Maio), e o dia da Rádio e Televisão (12 de Maio).

Estes dias serão marcados com colóquios sobre cada um dos sectores e estarão abertos a todos os que queiram participar. Serão efectuados na sala maior do Colégio do Coração de Maria pelas 21,30h.

É objectivo da «Semana» despertar tantos promotores como os utentes da comunicação social, para as responsabilidades inerentes à comunicação.

Pesca e... fiscalização?

Pois é verdade, amigos desportistas piscícolas... O título deste apontamento está certo. Certíssimo. E, senão, oçam: eu, possuidor de licença de pesca desportiva, (e bem desportiva, de facto, pois esse grato prazer da pesca só me é dado praticar ao sábado de tarde e ao domingo, fora estes a minha vida é estar agarrado ao componedor tipográfico e à máquina impressora), há anos que possuo esse cartãozinho cor de laranja renovado todos os anos mediante xis quantia e que me tem sido passado nas formosas terras da Serra da Cabreira, que é como quem diz Vieira do Minho. Pois, como digo, sou portador desse cartãozinho há anos... e, há anos, também, e nunca, me foi dado ver,—com que tristeza o digo,—um guarda dos Serviços Florestais e Aquícolas nas margens aprazíveis e idílicas do Rio Cávado, pelo menos na zona minha preferida, porque mais perto, que vai de Santa Marta de Bouro, a Ansede, em Prozelos.

Tenho visto, isso sim, é agentes da G. N. R. fiscalizarem, quando o giro lhes obriga a passagem nas margens do rio. Mas, a fiscalização que lhe está confiada e mais os problemas do trânsito, não podem os briosos agentes da Corporação d'élite, a quem eu já tive a honra de pertencer, tomar a seu cargo único, a fiscalização do rio. Há mais, senhores: o que se tem visto ali prós lados de Dornelas e Goães, é umas fugas precipitadas quando nós nos aproximamos o que prova, evidentemente, que com a nossa chegada se desfez a pescada; peixes mortos e atordoados ainda no passado sábado me foi dado ver, a mim e a dois colegas; cobos, armadilhas, legiões de cobras e agora os achigãs, só nos apetece bradar: daqui a pouco não haverá bogas, nem escalos, nem barbos, nada...

Ficam-nos, ao menos e graças ao Criador, as margens frescas e sem poluição atmosférica para, à falta de melhor, a gente se entreter, nas tardes de canícula, a lançar para a água o isco no anzol para que tome banho e... às vezes o isco é minhoca.

Deu-me Deus e meus pais um irmão que é Chefe da Repartição de Finanças de Vieira e que—obrigado Narciso— todos os anos, só lhe entrego a licença velha e bilhete de identidade, e a licença cá vem. Pagar-lhe? Depois vê-se. Logo, portanto, eu não pago a licença. Pagam-ma. É lógico que não pescando não tenho prejuízo. E os que a pagam e que são, como eu, verdadeiros adeptos da pesca desportiva? CATOLINO

CALAFRIO

Continuado do número anterior)

havia-se de novo escondido por detrás da cortina e observava a noite. Que estava a ver qualquer coisa—coisa que ela na minha opinião via como não tinha visto noutra ocasião—foi-me esclarecido pelo facto de se não ter perturbado nem com a luz, que eu voltara a acender, nem com a rapidez com que eu calcei as chinelas e vesti o roupão. Escondida, protegida, absorta, deixou-se ficar no vão da janela — as portas abriam para fora—e entregava-se. A auxiliá-la havia um luar magnífico, e esse facto concorreu para rápida decisão que tomei. Flora estava diante da aparição que se nos tinha deparado no lago, e agora era-lhe possível comunicar com ela, coisa que lhe tinha sido impossível da outra vez. O que eu tinha a fazer era atingir, seguindo o longo do corredor, sem a perturbar, qualquer outra janela daquele mesmo piso. Dirigi-me à porta sem que ela desse por isso; saí, fechei-a e pus-me a escutar, do outro lado, para ver se ouvia qualquer ruído. Enquanto me conservei no corredor, não desviei os olhos do quarto de Miles, apenas a uns dez metros dali, o qual produzia em mim, sem dúvida alguma, uma renovação do estranho impulso a que eu há pouco me referi, e o qual indescritivelmente produzia em mim como que uma tentação. Que poderia acontecer se eu me dirigisse àquela quarto e fôsse direita à sua janela? Que poderia acontecer se eu, arriscando denunciar as minhas intenções, pudesse, graças à ingénua confusão de Miles, lançar, através do restante mistério, o longo barão da minha intrepidez?

Este pensamento deu-me ânimo para atravessar a soleira da porta e voltar a determe. Sobrenaturalmente, pus-me a escutar; no fôro íntimo ia pensando o que prodigiosamente poderia ser; perguntava a mim própria se a cama dêle não estaria também abandonada e se ele não estaria também espreitando em segredo. Decorreu um profundo e silencioso instante, ao fim do qual senti que o meu arrebatamento se quebrara. Miles não dava acordo de si; podia estar inocente; o risco que ia correr era horrível; voltei para trás. Havia lá fora uma figura junto à casa, uma figura espiando, à espera de ver alguém, o visitante com quem Flora estava relacionada; não era, todavia, esse visitante que estava mais em comunicação com o meu pupilo. Hesitei

de novo, mas por outro motivo e apenas por poucos momentos; por fim, decidi-me. Havia quartos vagos em Bly; a única dificuldade estava em escolher aquele que melhor conviesse. Repentinamente, lembrei-me de que o que melhor servia era um que ficava no andar inferior—posto por cima do jardim — no corpo maciço da edificação, onde eu disse estar situada a velha torre. Era um grande compartimento quadrado, de certo modo adaptado a quarto de dormir, cujas excessivas dimensões o tornavam tão inconveniente que havia muitos anos não era ocupado, embora Mrs. Grose o mantivesse primorosamente tratado. Muitas vezes a tinha admirado, e sabia bem qual o caminho para lá; depois de vacilar perante a primeira fria escuridão do seu abandono, tinha apenas que o atravessar, destrancando, com todo o cuidado, uma das portas da janela. Feito isto, destapei a vidraça, sem ruído, e, applicado a cara ao vidro, pude ficar em posição, visto lá fora estar menos escuro que no interior, de ver o que me interessava na direcção desejada. Então, vi alguma coisa mais do que esperava. O luar tornava a noite extraordinariamente clara, por isso pude descobrir na relva uma pessoa, diminuída pela distância, imóvel, e como que hipnotizada, olhando para onde eu havia surgido—isto é, não propriamente para mim, mas para qualquer coisa que devia estar por sobre a minha cabeça. Havia, com toda a certeza, qualquer pessoa por cima de mim—estava uma pessoa na torre; mas a pessoa na relva nada tinha com aquela que eu julgara lá encontrar e secretamente me dava pressa de ver. A pessoa que estava na relva—sentime desmaiar ao perceber isso—era Miles em pessoa.

CAPÍTULO XI

Só, de tarde, no dia seguinte, falei a Mrs. Grose; a severidade que eu punha em não perder os meus pupilos de vista fazia com que, muitas vezes, agora, se tornasse difícil encontrar-me a sós com ela, e, além disso, nós carecíamos de não provocar da parte das crianças — tanto da parte das crianças como dos criados — qualquer desconfiança de qualquer secreta inquietação ou de qualquer disputa à volta destes mistérios. O tranquilo aspecto de Mrs. Grose fez-me sossegar quanto a isso. Nada havia no seu fresco rosto capaz de deixar perceber aos outros as minhas horríveis confidências. Tinha a certeza de que ela confiava absolutamente em mim; se assim não fosse, não sei que teria sido de mim, pois eu não poderia ter suportado a árdua tarefa sôzinha. Mas Mrs. Grose era um magnífico monumento daquela felicidade que dá a falta de imaginação, e, como ela não podia ver nos pequenos senão a sua beleza e a sua cortezia, a sua ventura e a sua inteligência.

(Continua no próximo número)

TRIBUNA DO CONCELHO

Notícias do Concelho

Filhos que Regressam

Depois de uma larga permanência no Rio de Janeiro chegou à sua terra para receber os carinhos familiares o abastado proprietário e jornalista sr. Luís Adolfo de Sousa. Depois de um abraço fraterno do amigo de longa data trocaram-se impressões que me chocaram ao lembrar-me dos mornos trópicos por onde deambulei quase toda a minha juventude mas que me deu a ventura de conhecer a Pérola do América do Sul aonde a nossa Pátria se confunde no turbilhão humano e urbanístico, ainda que ao Brasil fossem entregues as chaves das portas de entrada livre aos descobridores, nunca Portugal deixou de ser recebido como familiar muito querido por esse bondoso povo a quem o actual Presidente da República está a ensinar o verbo amar, por vezes esquecido por outros que o precederam, veio também à baila o nome de amigos que ainda estão retidos na sofreguidão carioca e entre eles devemos destacar o grande amarense sr. Frederico Machado Dias Colona, de quem tenho gratas recordações pelas suas invulgares qualidades de educação e cultura que muito devem concorrer para o desfalque da intelectualidade, moeda corrente no meu tempo e graças às medidas Governativas, agora os nossos imigrantes, que deixam o país para melhorar as suas condições financeiras, fazem viagens com permanência turística porque aqui, para todos os trabalhadores há garantias que desanimam os aventureiros. Mas pelo menos vão levar a essas terras o fruto do seu trabalho, da sua educação e cultura porque está, quasi de graça é ministrada pelos ciclos preparatórios dessiminados em todos os concelhos do país.

É este o panorama educacional de Portugal que se arrastou tantos anos à espera do que mais falta fazia ao povo português anémico e desconfiado das suas possibilidades, ressurgidas, e que se revelam admiráveis ao dizer dos filhos das terras aonde muitos se encontraram bem instalados embora cá também deixassem de existir as «pocilgas» e os andrajos que cobriam as carpas de tão humana gente.

Sombras da História

Bouro (Santa Maria) não precisa ter alcatifas. A natureza e a História chegou

para a vestuta terra Amarense atrair os admiradores das suas relíquias. Contra esse formigueiro monocal estava somente a sua excentricidade para manter o Julgado Municipal, e as Repartições públicas que desceram do seu pedestal. O coração do concelho foi encontrado em Amares aonde baterá sempre pela sua situação geográfica e conveniências populacionais das restantes parcelas. Mas a sombra hislância de Santa Maria de Bouro cobrirá de fama e beleza a fraqueza topográfica ou os defeitos irremediáveis de quem a substituiu na sua hierarquia administrativa. Não podemos duvidar do gesto poético e etnográfico dos monges fundadores do Mosteiro da Abadia e do Convento de Bouro e se alguma coisa não está de acordo está a situação dos refúgios penitenciais que agradam a toda a gente.

A sensata população dessa peregrina terra não extravasa de bairrismo e está de acordo com este ponto de vista, se lá houver discórdias nunca será por causa da sede do concelho. Contudo é preciso ir de encontro às necessidades das terras com categoria de cujo número, pelo seu passado e também pelo presente, Bouro é uma delas.

Elísio Gonçalves

TRIBUNA LIVRE

A Redacção deste «Semanário» pede a todos os ilustres colaboradores o favor de enviarem as suas notícias e artigos até à quarta-feira.

A Redacção

Condições de Assinatura

Continente	
Ano	50\$00
Semestre	25\$00
Ilhas	
Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	30\$00
Brasil	
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00

Vida do Concelho

Aniversários

Fazem anos:

Hoje, dia 6, festeja o seu aniversário a Sra. D. Belmira Araújo da Silva Macedo.

Amanhã, dia 7, passa mais uma primavera o sr. António Januário V. de Barros filho do sr. Januário de Barros e D. Carminda Velloso, proprietários, desta Vila.

Segunda-feira, dia 8, faz anos o Sr. Bernardino C. Ribeiro, e a Ex.ma Senhora D. Filomena Rosa Dias Anjunes, esposa amantíssima do nosso colaborador sr. Manuel Janela, conhecido bairrista e obreiro n.º 1 do F. C. A.

No dia 9 o sr. Arnaldo Alves Vitoriano.

No dia 10 a menina Maria do Carmo Ferreira da Costa.

No dia 11 a sra. Ermelinda Tinoco Paredes e o sr. João de Barros Queirós, nosso estimado assinante.

No dia 12 a menina Maria Madalena Ferreira Gonçalves, filha do nosso assinante sr. António de Barros Gonçalves, conceituado comerciante em Lisboa.

Tribuna Livre deseja a todos os aniversariantes muitas felicidades.

Aniversário

Eduardo da Costa Fernandes

No próximo dia 10 passa mais um aniversário natalício o nosso ex-colega de trabalho sr. Eduardo da Costa Fernandes, emigrado há pouco para o Canadá na companhia de sua esposa sra. D. Deolinda Vieira Andrade.

Daqui, Eduardo, te enviamos para ti e tua esposa, muitas felicidades, e que passes um dia muito feliz junto de todos os teus familiares aí residentes, que esta data se repita por anos sem fim e que consigais, nesse grande País, alcançar a meta porque sempre purgnaste e que bem mereças.

Parabéns

Leia

Propague e acine
«Tribuna Livre»

OBRIGAÇÃO DE TODOS

Apareceram, por mais vezes, tanto na Metrópole como no Ultramar, observações — nem sempre formuladas com perfeita isenção — sobre as empresas proprietárias de jornais e revistas de publicações periódicas. Ao Governo não eram indiferentes alguns aspectos do assunto, aliás de amplitude mundial, como é sabido. Factos recentes, ocorridos em França, em Inglaterra, e nos Estados, vieram confirmar a existência de um fenómeno com incidências incalculáveis no procedimento cívico dos povos, na sua formação e, inclusivé, na defesa das suas melhores energias morais e espirituais.

Ora, a própria «Liberdade de Imprensa» — tão preconizado em termos genéricos, esquecendo-se, às vezes, o que essa mesma «Liberdade» pressupõe com grande responsabilidade — seria afectada pela sobreposição de interesses particulares, de indivíduos ou de grupos. O interesse público tem, pois, de ser situado acima de tal risco.

Foi considerando tudo isto — e à luz, por certo de observações cuidadosas — que o Governo, com o apoio da Assembleia Nacional e da Câmara Corporativa, inseriu, na «Lei de Imprensa», a Base Décima-Primeira.

Nela se declara, num artigo inequívoco, que o Governo providenciará para «impedir a concentração de empresas editoriais e jornalísticas», «fiscalizar a activi-

dade das mesmas empresas», «obviar à excessiva concentração da Imprensa», mediante a fixação de um número máximo de publicações periódicas da mesma natureza para cada empresa jornalística.

Há um ponto que convirá, talvez, apontar à particular atenção de todos, e, em especial, de alguns: às empresas jornalísticas e editoriais é vedado, pela Lei, receber *directa ou indirectamente subsídios ou quaisquer auxílios de proveniência estrangeira*.

Ora, se ao Governo caberá, por força da mesma Lei o direito e o dever de fiscalizar a actividade das mesmas (na Metrópole e no Ultramar), procurando quem e como nelas *intersubsídios ou auxílios*, directos ou indirectos, de proveniência não-nacional, virão a ser notados e darão motivo para o procedimento que todo o comportamento ilegal exige.

Este um dos aspectos que decerto, mais agradarão aos legítimos profissionais da Imprensa, tanto como às honestas empresas que nunca transijam por cálculos de de exploração industrial, em sobrepôr interesses privados às conveniências nacionais. O saneamento há-de operar-se, com benefício para as organizações empresariais, para os jornalistas dignos e para a saúde, imprescindível, da opinião pública.

Objectivo maior da Lei — porque é o que mais importa defender!

A. M.

ESTIMADOS ASSINANTES

Vai esta Redacção proceder à cobrança do Ano de 1971.

Atendendo ao substancial aumento de ordenados da Indústria Gráfica, e para evitar maiores despesas, pede a Redacção aos ilustríssimos assinantes de «Tribuna Livre» o favor de enviarem as suas assinaturas o que, desde já, e penhoradamente, agradece.

A REDACÇÃO

Telefones para serviços DE URGÊNCIA

Casa de Saúde de Amares	62122
Farmácia Pinheiro Manso	62127
Guarda Nacional Republicana	62115
Farmácia Marques Rêgo	62121
Doutor Eduardo Gonçalves (Médico)	62145
Doutor José Fernandes Médico Amares	62122
Doutor João de Sousa Fernandes (Médico) B. S.M.ta	62163

Não tivemos outro remédio

(Continuado da 1.ª página)

rente para melhor). Venham disfarçadamente verificar com os seus próprios olhos e logo verificarão que os artigos então publicados nada mais transcreviam do que a própria realidade, aliás por nós verificado como já referimos.

Dizia a nota a que acima fazemos referência:

1.º — Que nenhum operário da Barragem nem Empresa passou procuração à Tribuna Livre; 2.º — Que a Tribuna Livre atacava desalmadamente uma Organização da que nem sequer sabia o nome nem actividades reais; 3.º — Que o nosso jornal não ouviu em declarações as duas partes em litígio antes de condenar — o ABC da justiça; 4.º — Que deveria tratar-se de algum indivíduo despeitado ou invejoso que subira à carcomida Tribuna para extravasar os seus despeitos; 5.º — Que quanto à inveja, fosse dar uma vista de olhos pelas contas de exercício de 1971 e ficaria abismado; 6.º — Que era confrangedor que o nosso jornal demonstrasse um desconhecimento aflitivo da psicologia do «trabalhador braçal»; 7.º — Que quando na sua organização entregavam o dinheiro da alimentação e transportes ao seu pessoal este, por egoísmo ou agiotismo e no desejo de botar figura adquirindo algo fora do vulgar, não comia e viajava a pé em prejuízo do serviço, pois não poderia dar o rendimento necessário e desejado.

Pois bem. Perdoe-nos o articulista de a «5.ª COLUNA» mas já que nos obrigou a voltar a famigerado assunto teremos de dar primazia à nota atrás referida para em seguida procurar informá-lo de que na verdade os seus amigos o tinham enganado embora, estamos convencidos, o tivessem feito inconscientemente.

Vamos, portanto, dentro das nossas modestas possibilidades, procurar responder aos principais pontos da nota pela mesma ordem que os referimos. 1.º — Julga-se que para um jornal fazer a sua crítica quanto a determinado ponto que lhe pareça menos certo, e é este o caso, não necessita de qualquer procuração. A ser como a nota referia o conceituado jornal ACTUALIDADES, que muito admiramos, necessitaria de centenas de procurações semanais. Aliás, se não nos foi passada qualquer procuração, foi-nos pelo menos solicitado, com grande insistência, pelo tal «trabalhador braçal», para que o fizéssemos, embora o nosso jornal não actuasse sem estar dentro da razão que lhes assistia.

2.º — Não se pode nem deve considerar um ataque desalmado a uma organiza-

ção só porque se procurou apontar defeitos e narrar verdades que estão à vista de quem imparcialmente, como nós, as quiser analisar. Já o dissemos e voltamos a repetir que temos um documento, com bastantes assinaturas, (e a maior parte são do trabalhador braçal) de apoio ao nosso primeiro artigo e solicitando para que fossemos ainda mais longe.

3.º — Dizer que o nosso jornal não ouviu as duas partes em litígio parece-nos ser uma afirmação pouco feliz, pois que nós sabemos, não se trata de forma alguma de partes em litígio, mas sim de uma esmagadora maioria de indivíduos que afirmam ser mal servidos na cantina em referência. Dizer que se é mal servido por determinada casa de pasto não é, de forma alguma, um litígio mas simplesmente exigir, porque alguém paga, uma alimentação mais decente.

4.º — Considerar os artigos oriundos de qualquer despeitado ou invejoso só porque neles se diz mal do que afinal não está bem, não nos parece uma sopesação com fundamento. Não tem este jornal nem nenhum dos seus mais directos colaboradores a mínima intenção em fazer guerra à organização que serve a cantina de Vilarinho das Furnas, pois nem um nem outros estão interessados na montagem de estabelecimento congénere.

5.º — Quanto a dar uma vista de olhos pelas contas do exercício de 1971 apenas nos limitamos a perguntar: Será que elas chegam às mãos dos responsáveis pela administração tal qual se processam no local do negócio? Segundo nos informam parece ter havido um caso em Pisões em que determinado indivíduo, com vencimento bastante modesto, comprou quinta e carro, sendo mais tarde e quando já estava desligado e talvez seguro, sujeito a rigoroso inquérito. Quem cabritos vende e cabras não tem...

6.º — Quanto à afirmação de que não estamos à altura de analisar a psicologia do «trabalhador braçal», apenas referimos: Foi esse trabalhador braçal que na sua maioria assinou o documento de apoio ao nosso primeiro artigo. Hoje, o nosso trabalhador, sabe bem o que quer e porque quer. É ouvi-los e logo se chegará a conclusões. São eles que afirmam: Preferem uma sopa bem feita em sua casa a qualquer refeição fornecida pela cantina.

7.º — Já não estamos no tempo do homem deixar de se alimentar e andar a pé para «botar figura». Isso é argumento que não tem razão de ser nos dias de hoje. Todos procuram comer o melhor que podem e só an-

dam a pé por falta de transportes. O egoísmo e agiotismo referidos não têm qualquer justificação. A CPE concede o subsídio de transporte ao seu pessoal e não se vê ninguém andar a pé para poupar o dinheiro. Não há dúvida que o trabalhador braçal é na verdade o indivíduo mais fácil de contentar mas quando ele se não contenta com uma alimentação que lhe é oferecida sem encargos logo se vê que a coisa é mesmo má. Aliás para se avaliar conscientemente estes problemas não há como ir ao local e ouvir as suas opiniões. Se há riscos para o fraco rendimento no trabalho este só existe pela deficiente alimentação que lhes é servida.

Vamos agora procurar esclarecer o nosso ilustre colaborador da verdade dos factos.

O serviço de cantinas no estaleiro Vilarinho das Furnas era deplorável em 18/12/71, continuava como dantes em 11/3/72 e piorou daí para a frente. Quando se pergunta a qualquer comensal se a coisa melhorou este logo responde com ar de troça: Melhorou. Agora dão mais um pão à refeição. Pois respeitável articulista de a «5.ª COLUNA» pode informar os seus amigos que tudo está pior que em 18/12/71 e que nada foi sanado nem resolvido. Houve na verdade, segundo chegou ao nosso conhecimento, uma ordem para aumento das tabelas no que respeita a peixe e carne e logicamente um aumento de preço da refeição. O primeiro em nada se confirma a não ser no tal aumento do pão mas o segundo parece que se cumpre à risca. Pudera. Temos que ter em conta que cada diária na referida cantina fica à volta de 41\$00. Ora isto multiplicado por 30 dias atinge a importância de 1 230\$00. Por este preço há pensões que servem mais e melhor e sem o auxílio a que já fizemos referência.

Era tudo isto que estávamos a procurar não dizer mas o seu artigo obrigou-nos a que o fizéssemos. Querira 3.ª pancada ela aí está: AGORA TUDO PIOR QUE DANTES.

O pessoal continua a ter de frequentar a cantina pois ainda não nos chegou ao conhecimento que a Empresa fosse para a solução que aqui sugerimos. Não é por egoísmo que alguns funcionários se deslocam ao S. Bento para almoçar e jantar, com certa frequência, quando o poderiam fazer na cantina e sem qualquer encargo. Não é por agiotismo que outros, por falta de transporte se veem na necessidade de recorrer a modestas tascas da povoação e a cozinhar, quando poderiam evitar essa

Restaurante Milho Rei

«Continuado da 1.ª página»

apoio a jovem sociedade comercial por quotas de que fazem parte os senhores dr. Paulo Macedo, Jaime Dias, António Russell e Manuel Fernandes, que, na incerteza do lucro, se abalançam a uma empresa desta dimensão. Sabemos por sua informação directa, de que, neste momento, dispõem já de 7.000 garrafas, atestadas com o famoso vinho da quinta do Ex.mo Senhor Dr. José Fernandes, abalizado médico neste concelho, das quais 5.000 com vinho tinto e 2 000 com vinho branco. O apetrechamento que constituirá o recheio da casa, do fabrico mais moderno, será, dentro de dias, montado por técnicos especializados, e orça por 700.000\$00. A qualquer hora do dia, estará pessoal de serviço à altura de aten-

despesa e maçada. Neste caso o egoísmo e agiotismo dá para gastar dinheiro e não para botar figura. Tudo piorou quanto a alimentação, higiene e orientação dos serviços com a saída do antigo fiscal. Há alimentos que se servem, respostas que se dão e atitudes que se tomam que se fossemos aqui a narra-las não chegariam as colunas do nosso jornal. Disse determinado indivíduo responsável da HICA, agora ausente no Porto, quando um dia se encontrava na cantina em missão de fiscalização para um comensal que lhe solicitou que provasse o vinho maduro branco: Não vale a pena provar pois sei bem que têm o mesmo paladar de há vinte anos. Isto é significativo.

Para terminar e melhor esclarecer o articulista de a «5.ª COLUNA» devemos informar que os alimentos que se utilizam na cantina são do pior que se pode imaginar. Há tempos, como tivessem acabado as batatas na cantina, o encarregado viu-se na necessidade de recorrer a um comerciante para lhe ceder, a título de empréstimo, 1 ou 2 sacos de batatas até vir o carro do Porto. Chegadas as batatas e devolvidas ao referido comerciante este logo desabafou: nunca mais empresto nada. Olhem para estas batatas. Na verdade o homem tinha razão. Não estavam em condições de ser vendidas ao público.

Supomos que o autor de a «5.ª COLUNA» ficará devidamente esclarecido para melhor informar os seus amigos, que nada foi sanado, pois se isso tivesse acontecido era com o maior prazer que teríamos vindo a Público com a informação cujo título já estava por nós escolhido e que fica a aguardar: VALEU A PENHA.

Quando será que os nossos leitores poderão ver nas colunas do nosso semanário este título em letra gorda?

der o mais exigente cliente, o que se prolongará através da noite, com as limitações impostas por Lei. Dispor-se-á, também, de alguns quartos, logo que o prédio fique inteiramente concluído, para hóspedes ou passantes que os pretendam, dotados dos indispensáveis requisitos modernos de higiene e conforto.

Avante pelo progresso! Guerra aos comodistas que nada fazem! Luta sem tréguas ao egoísmo pernicioso de tantos e à inveja de muitos! Este será o lema.

Narciso Gonçalves

5.ª COLUNA

«Continuado da 1.ª página»

pessoas que possuem autorização para «legalmente» guiar, dirigir, ultrapassar, desfilar (à desfilada) por todas as cidades, estradas e vilas, onde cada qual terá de se precaver sistematicamente contra a morte.

Ora, a minha humildade diz-me que esta aterradora percentagem de condutores de veículos motorizados implica no trânsito, é verdade, mas se se tratasse de uma disciplinada maioria, tudo caminhava dentro das possibilidades que ainda existem para todos cabermos neste pequenino mundo de Cristo! Mas não! Cada qual puxa pelos seus direitos, inclusivamente desfeiteando a organização do trânsito em todo o país, transgredindo por ídolo, protestando contra o estabelecido e repudiando toda a mecânica pacientemente estudada pelas autoridades.

Que há a fazer? — pergunta o Leitor. Simplesmente racionar, sanear os utentes «legalmente» autorizados a conduzir, confiscando-lhe a carta, mesmo por insignificâncias. Não é só por grandes desastres. Não, senhor! Por «dá-cá-daquela-palha!» Pois então! Nessa altura toda a gente tinha mais cuidado, o trânsito urbanizava-se e o país obtinha gama de senso — que, afinal, é o que falta.

Quanto a Poluição, Caro Leitor, falaremos da próxima vez. Isso é outra farsa, mas essa é universal. Depois, não me diga que sou mau...

EME ABRIL

Telefone dos Bombeiros V. de Amares
62162

Visado pela Censura